JUSTIÇA & CIDADANIA

ISSN 1807-779X
Edição 91 – Fevereiro de 2008
R$ 16,90

APOSENTADORIA COMPULSÓRIA

DESPREZO E DESPERDÍCIO DA CULTURA

Nesta edição: A RESPONSABILIDADE DO ADVOGADO

APOSENTADORIA DO MINISTRO
FRANCISCO PEÇANHA MARTINS

Nilson Naves
Ministro do STJ

Foto: Luis Antonio / SCO/STJ

Da esquerda: Ministro Humberto Gomes de Barros e Ministro Nilson Naves

Pediram-me palavras; não me escusei, jamais me escusaria tratando-se de Peçanha Martins: que colega de trabalho diário entre livros e processos (fadiga de afazeres sob o sol)! Que amigo de todas as horas! Amigo não é coisa que se despreze, escreveu Machado, acolhe-se como presente dos deuses.

Tempo, ó! tempo, aquele que foi, aquele que é: o tempo de antes, o tempo de após. Foi o Federal de Recursos, é o Superior Tribunal, sem que este tenha sucedido aquele, mas daquele recebeu a inicial composição, e os aposentados do Federal tornaram-se aposentados do Superior. Houve e há, entre os dois Tribunais, união: "Geração-que-vai e geração-que-vem / e a terra durando para sempre". De eternidade à eternidade, esse tem sido o destino de todos os homens, foi sempre assim, e foi assim que, um dia – vão-se alguns anos – o grande José Cândido (também baiano, ainda que por adoção), falando sobre Peçanha, o velho, escreveu:

> "O Tribunal Federal de Recursos passou a ser motivo da sua própria existência. Enamorou-se perdidamente pela nova Capital. Quem o ouvia nas suas repetidas manifestações de estima por Brasília, e até em seus protestos contra a sua volta à terra natal, haveria de pensar que ele perdera o amor pelas coisas da Bahia. Não chegava a tanto...
> (...)
> Ruy Barbosa foi a outra grande fonte de inspiração de liberdade.
> (...)
> É, assim, nosso homenageado: um homem em luta permanente pela reafirmação de suas origens de democrata e liberal."

Creio, e foi nisso que me pus a pensar quando escrevia estas palavras, que muito se regozijaria o Peçanha pai, que tanta história fez, em assistir a este momento, a meu ver, de missão cumprida. Do pai havendo herdado o nome, o caráter e os prodígios, o filho seguiria a mesma trajetória. Fiquei até a imaginar se essa paixão pela Justiça e pelo Direito, também pelo excelso Ruy e por aquela plantinha tenra que se denomina Democracia, estaria no sangue ou, usando eu palavras cheias de religiosidade, teria sido transferida como se sacerdócio fosse. Seja lá o que for, um coisa é certa: filho de pai que foi poderoso juiz, não poderia ser diferente – tal pai, tal filho.

Senhoras e Senhores, hoje quem nos deixa, deixando amanhã o Superior Tribunal, é o Peçanha filho, e, nesta despedida, não é intento meu referir as obras pretéritas do amigo nem de sua carreira as etapas. Haverá oportunidade para isso brevemente. Quero apenas expressar – o que entendo seja por unanimidade (vejam o semblante dos colegas e dos amigos) – o reconhecimento de todos nós pelo trabalho sério e profícuo que, ao longo dos últimos dezessete anos, desenvolveu no Superior Tribunal – valioso serviço prestado à Justiça e em defesa do jurisdicionado, a quem gostaria de dar voz em meu texto.

Que diria o jurisdicionado? Não foi Peçanha um eterno inconformado com as alterações do Código de Processo Civil, entre elas, a que transformou o ato judicial, aquele coletivo, em ato unipessoal? Reforma inconstitucional, no seu dizer, da qual resultou mudança – tal sempre foi a sua convicção – que, ao invés de beneficiar os litigantes, poderia prejudicar-lhes o direito. Sua, também, a preocupação com o crime de hermenêutica – seria o juiz responsável penalmente, à conta das rebeldias da sua consciência? Questões tais e tantas e tantas outras sempre lhe instigaram o zelo pela proteção das liberdades individuais. Todos bem conhecemos a seriedade com que, de maneira intangível, Peçanha, dia após dia, interpretou a lei e, aqui no Superior Tribunal, aplicou o Direito.

Agora vai a outras jornadas, e a outros afazeres, e a outros combates; ficamos com sua judicatura, com suas idéias e reflexões, tudo de um magistrado – perdoem-me o modo de dizer – fora de série, de um juiz perfeito, por que não dizer mais que perfeito? Pensando fico eu com meus botões e logo me surgem algumas perguntas: se pudesse voltar aos tempos de infância – àqueles em que brincava nas ruas, de sonhos, de descobertas – e viver outra vez os anos de sua vida até aqui, que escolhas Peçanha faria? Tentaria ser menos perfeito? Trataria de cometer erros que nele desconhecemos? Será que levaria menos coisas a sério? Viajaria mais? Tomaria mais sorvete? Começaria a andar descalço no começo da primavera e assim continuaria até o fim do outono?

E, aí, Peçanha, o que você faria? Nem precisa responder: conhecendo bem sua coerência interior, seu senso de justiça e expressivo amor pelo trabalho, sei que algumas coisas não seriam diferentes, sobretudo porque o que sempre o empolgou foi a tranqüilidade de consciência. A mim me parece, pois, que distância alguma haveria entre o Peçanha que é e aquele que poderia ser. Sei que a vida vai, ela não volta, porque vivemos para adiante... E nossa história vai tomando contornos outros em papéis novos, mas a verdade é uma só: nunca deixaremos de ser quem realmente fomos e somos, ainda que tendo mais tempo para sorvetes, e para aquele peixe naquele restaurante simples à beira-mar, e caminhadas, e primaveras, e outonos... Porque, se não sabem, disso também é feita a vida!

Seja, como sempre o foi, feliz, muito feliz, Peçanha!

"CREIO, E FOI NISSO QUE ME PUS A PENSAR QUANDO ESCREVIA ESTAS PALAVRAS, QUE MUITO SE REGOZIJARIA O PEÇANHA PAI, QUE TANTA HISTÓRIA FEZ, EM ASSISTIR A ESTE MOMENTO, A MEU VER, DE MISSÃO CUMPRIDA."